



Panorama Econômico

Edição Novembro 2023



Nosso objetivo:

Cooperado, este jornal tem como objetivo gerar conteúdo educativo e informativo sobre Economia, Finanças e Investimentos. Um dos princípios do cooperativismo é a “educação, formação e informação”. Então aproveite este material criado exclusivamente para você!

O que você verá aqui:

Na edição de novembro será mencionado sobre a Europa que apresentou seus dados de inflação e comprovou o arrefecimento do índice na região mostrando que sua política monetária está surtindo efeito na região.

A China apresentou dados de contração em seus indicadores de consumo interno, porém o governo do país informou que fará novos esforços para estimular o crescimento da região. Enquanto isso, os Estados Unidos fez novos anúncios que trouxeram alívio para o mercado global devido à possibilidade de não fazer novos aumentos de sua taxa de juros por conta dos dados satisfatórios que estão sendo acompanhados pelo Fed.

No cenário nacional, será falado sobre a inflação que mostrou aceleração em relação ao mês anterior impulsionado pelo aumento no preço dos combustíveis, no entanto, o indicador de inflação prévia para o próximo mês de novembro, divulgado pelo IBGE, demonstrou um percentual menor equiparando com o mês anterior.

Além disso, será informado sobre a última definição do Copom em relação a taxa Selic no país e quais são as próximas projeções para finalizar o ano de 2023 e ao longo do ano seguinte. A política fiscal segue sendo um desafio para o país em relação a dívida pública.

Por fim, será informado sobre os principais indicadores econômicos que são importantes para contribuir na diversificação dos ativos na carteira de investimentos para que sejam tomadas decisões mais assertivas com a previsibilidade do mercado nos próximos meses e a sugestão de investimentos diante do cenário atual.



Cenário Macro Internacional:

Europa: No dia 18 de outubro foi divulgada a taxa anual de inflação ao consumidor (CPI, na sigla em inglês) da zona do euro que desacelerou para 4,3% em setembro, ante 5,2% em agosto no acumulado dos últimos doze meses.

Na prévia apresentada no último dia 31, a inflação na região mostrou um arrefecimento para 2,9% segundo dados preliminares publicados pela agência de estatísticas da União Europeia, Eurostat. A taxa oficial do mês de outubro será informada no dia 17 de novembro.

Com o resultado menor traz otimismo para o mercado, já que podem fazer com que o Banco Central Europeu (BCE) assuma uma postura menos agressiva na condução de sua política monetária.

Depois de 10 subidas consecutivas desde julho do ano passado, o BCE fixou a sua taxa de juros em 4,50%. No seu comunicado, a autarquia disse esperar que a inflação na zona do euro permaneça “muito alta por muito tempo” e, que por isso, os juros ficarão em “níveis restritivos pelo período que for necessário”.

O Banco Central Europeu reafirmou que também vai continuar dependendo de dados futuros para definir o nível dos juros e por quanto tempo durará sua postura restritiva. A próxima reunião do BCE está marcada para dia 14 de dezembro.

China: A segunda maior economia do mundo enfrenta desafios crescentes com um consumo interno frágil, fraca procura global e o aprofundamento de uma crise do setor imobiliário que afetam o crescimento.

O setor industrial, que representa 28% do Produto Interno Bruto (PIB), contraiu por cinco meses consecutivos depois de março. Em setembro, o indicador subiu, alimentando esperanças de que a economia estava em vias de se estabilizar.

No dia 31 de outubro, a China divulgou que a atividade industrial no país registrou contração em outubro. Uma semana antes, Pequim anunciou que emitirá 1 trilhão de yuans (aproximadamente 685 bilhões de reais) em títulos soberanos para impulsionar os gastos em infraestruturas, o mais recente de uma série de estímulos econômicos.



Apesar de números na atividade econômica, a economia da China segue dentro do esperado com o crescimento de 4,9% no terceiro trimestre. As autoridades do país no início do ano estabeleceram a meta de 5% para 2023, que seria um dos menores índices em várias décadas.

No dia 30, o presidente Xi Jinping deu início a uma importante reunião de política financeira em Pequim, a primeira deste tipo em seis anos, para encontrar formas de estimular o crescimento e resolver riscos financeiros, incluindo o aumento da dívida entre os governos locais.

E meio às dúvidas em relação a saúde da economia da China, a Vale (maior produtora de minério de ferro no Brasil) está com uma visão otimista sobre o seu maior parceiro comercial. Um dos motivos para a visão favorável em relação à China vem dos esforços do governo para estimular a economia. Outro fator positivo é o movimento de transformação da indústria manufatureira chinesa, puxado pelo tema da descarbonização, os produtos nessa frente vão exigir a compra de minério de alta qualidade e com maiores preços, aumentando a receita da Vale.

EUA: O Departamento de Análise Econômica (BEA, na sigla em inglês) divulgou no dia 26 de outubro o PIB cresceu 4,9% no terceiro trimestre de 2023 na comparação com o mesmo período de 2022. Esse resultado ficou acima dos 4,3% esperado pelos investidores e superou com uma larga vantagem o crescimento de 2,1% registrado no segundo trimestre.

O CPI nos Estados Unidos subiu 0,4% em setembro frente agosto, após alta de 0,6% no mês anterior. O avanço ocorreu em meio a custos mais altos de aluguel e gasolina, mas a inflação subjacente está desacelerando.

No dia 01 de novembro, o Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC) se reuniu para a decisão da política monetária no país em sua penúltima reunião do ano.

O Federal Reserve (Fed) manteve os juros do país inalterados em 5,50% ao ano. Esse continua sendo o maior nível das taxas desde 2001. A decisão já era esperada pelo mercado e veio após o comitê ter mantido o referencial da última reunião ocorrida em setembro.



O Fed tem monitorado de perto o mercado de trabalho e seus reflexos especialmente na inflação porque na prática, um mercado aquecido gera mais vagas de emprego, aumenta as contratações e aumentos salariais, o que tende a injetar mais dinheiro na economia e, assim, aumentar a inflação.

O último encontro do ano para definição da política monetária nos Estados Unidos está agendado para 13 de dezembro.

Banco Mundial: A instituição financeira internacional que efetua empréstimos a países em desenvolvimento localizado em Washington D. C. nos Estados Unidos, afirmou no dia 30 de outubro que a economia global enfrentaria um duplo choque energético pela primeira vez em décadas - não apenas devido à guerra na Ucrânia, mas também no Oriente Médio que iniciou dia 7 de outubro.

Em sua perspectiva dos mercados de commodities informou que espera que os preços globais do petróleo atinjam uma média de US\$ 90 por barril no quarto trimestre, antes de caírem para uma média de US\$ 81 por barril no próximo ano, à medida que o crescimento econômico global deve acalmar.

Porém, se caso o conflito intensificar nas duas regiões e prejudicar o fornecimento de petróleo, os preços poderão disparar até 75% para US\$ 157 por barril, no pior cenário do Banco Mundial.

A escalada do petróleo provoca aceleração em série dos preços de diversos produtos e serviços, alimentando a inflação em diversas partes do mundo e isso provoca um novo repique da inflação.

Este fator se dá porque o setor de logística é um dos primeiros a ser afetado e como 60% do que é consumido e produzido no Brasil é transportado pelas estradas segundo a Confederação Nacional dos Transportes, o impacto do segmento acaba recaindo sobre outras áreas causando um efeito cascata na alta inflacionária e, conseqüentemente, no bolso do consumidor final.



Cenário Macro Nacional:

Política Monetária: O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central como estava previsto pelo mercado, anunciou no dia 1 de novembro, a redução em 0,50 ponto percentual da taxa de juros básica da economia brasileira (Selic) que passou de 12,75% para 12,25%. A redução aconteceu pela terceira vez consecutiva, em meio à pressão de diversos setores da sociedade contra os juros altos praticados no país.

O Copom, em seu anúncio, aponta para a continuidade de ciclo de cortes de forma lenta. Caso o cenário esperado continue se confirmando, unanimemente, antevêm redução de mesma magnitude nas próximas reuniões e avaliam que esse ritmo apropriado para manter a política monetária contracionista necessário para o processo desinflacionário.

A Selic elevada torna os empréstimos mais caros às famílias e empresas, desencoraja investimentos e aumenta a dívida do Estado brasileiro com o pagamento de juros dos títulos do Tesouro Nacional.

Por enquanto, a expectativa do mercado, na próxima reunião do Copom, é de um novo corte de mesma magnitude. e que, continuando a tendência de corte, a Selic alcance 11,75% no final do ano e 9,25% apenas no final de 2024, conforme Boletim Focus divulgado no dia 06 de novembro. A última reunião do Copom para o ano de 2023 está agendada para 13 de dezembro.

Política Fiscal: A incerteza sobre uma definição sobre as metas fiscais no Brasil pode gerar preocupações em relação à volatilidade das expectativas econômicas.

As taxas de juros de longo prazo têm sido um foco de atenção nos últimos dias, uma vez que sua evolução depende das perspectivas fiscais para um equilíbrio entre as metas fiscais, taxa de juros e a estabilidade econômica.

No curto prazo, a economia brasileira está apresentando uma inflação menor, um aumento no emprego e um crescimento do PIB. No entanto, as incertezas predominam quando olhamos para o médio e longo prazo, e isso se deve principalmente à política fiscal.



Para evitar riscos futuros, o governo brasileiro precisa tomar medidas concretas. A ausência de contenção de despesas no Orçamento Público exige que sejam tomadas decisões sobre modificar as metas fiscais, aumentar a arrecadação de impostos ou implementar cortes nas despesas.

Uma questão importante a ser observada é a dívida pública, que tem aumentado. A falta de resolução das incertezas fiscais pode afetar adversamente as taxas de juros futuras, que podem não cair tão rapidamente quanto o esperado.

As decisões do governo quanto as metas fiscais, bem como a evolução das taxas de juros, afetarão diretamente o panorama econômico de curto, médio e longo prazo. Portanto, é imperativo que medidas adequadas sejam tomadas para garantir a solidez das finanças públicas e promover a confiança dos investidores.

Inflação: O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), considerado a inflação oficial do país, subiu 0,26% em setembro, segundo dados do IBGE. O país passa a ter uma inflação acumulada de 5,19% referente aos últimos 12 meses. No ano, totaliza uma alta de 3,5%.

O indicador voltou a acelerar em relação ao mês anterior, puxado desta vez pela gasolina, que teve alta de 2,8% em setembro e uma contribuição de 0,14 ponto percentual no índice geral.

Seis dos nove grupos que compõem o IPCA tiveram alta no mês, com destaque para o setor de Transportes (1,4%), que abriga o avanço nos preços dos combustíveis. Além da gasolina, outro aumento relevante foi de passagens aéreas que subiram 13,47% em setembro.

A gasolina é o subitem do IPCA que mais subiu em 2023, com alta acumulada de 16,18% no ano. A divulgação sobre a inflação de outubro será informada no dia 10 de novembro.

IPCA-15: O indicador que trata sobre a previsão de inflação ficou em 0,21% em outubro, 0,14 ponto percentual menor que a de setembro, quando variou 0,35%. No ano, o índice acumula alta de 3,96%.



Entre os grupos pesquisados, sete tiveram alta, com a maior variação (0,78%) e o maior impacto de 0,16 ponto percentual. O grupo de transportes novamente foi o que teve maior variação e impacto positivo no indicador.

Já o item de combustíveis teve queda de 0,44% com registro de recuo nos preços nos subitens gasolina (0,56%), etanol (-0,27%) e gás veicular (-0,27%). Dentro deste segmento, apenas óleo diesel registrou alta de 1,55%.

Indicadores Econômicos

SELIC: O Comitê de Política Monetária do Banco Central no dia 1 de novembro decidiu em reduzir a Selic Meta para 12,25%. A taxa básica de juros nacional, Selic Over fechou o mês de outubro em 1,00%, com rentabilidade acumulada de 13,41% nos últimos doze meses e 11,02% no ano de 2023.

IPCA: O Índice de Preços ao Consumidor em setembro foi de 0,26% e encerrou o acumulado dos últimos 12 meses em 5,19%. Por enquanto, a alta acumulada da inflação no ano é de 3,50%.

A data da divulgação da inflação referente ao mês de outubro será divulgada no dia 10 de novembro.

POUPANÇA: No mês atual com a Selic em 12,25% ao ano, a Poupança rentabilizou 0,50% + TR. Totalizando 0,61% em outubro. No ano atual corresponde a 6,80%, enquanto o acumulado dos últimos 12 meses foi de 8,26%.

CDI: O Certificado de Depósito Interfinanceiro, que remunera as aplicações pós-fixadas, teve um fechamento de 1,00% no último mês, no ano atual encontra-se em 11,02% e 13,41% no acumulado dos últimos 12 meses.

IBOVESPA: O índice no mês de outubro terminou acumulando perda de 2,94%, vindo de ganho de 0,71% em setembro que havia sucedido queda de 5,09% em agosto. Com a correção que se impôs a partir de agosto, e que se manteve neste fim de outubro com fatores de risco com o início da guerra no Oriente Médio e a escalada dos rendimentos

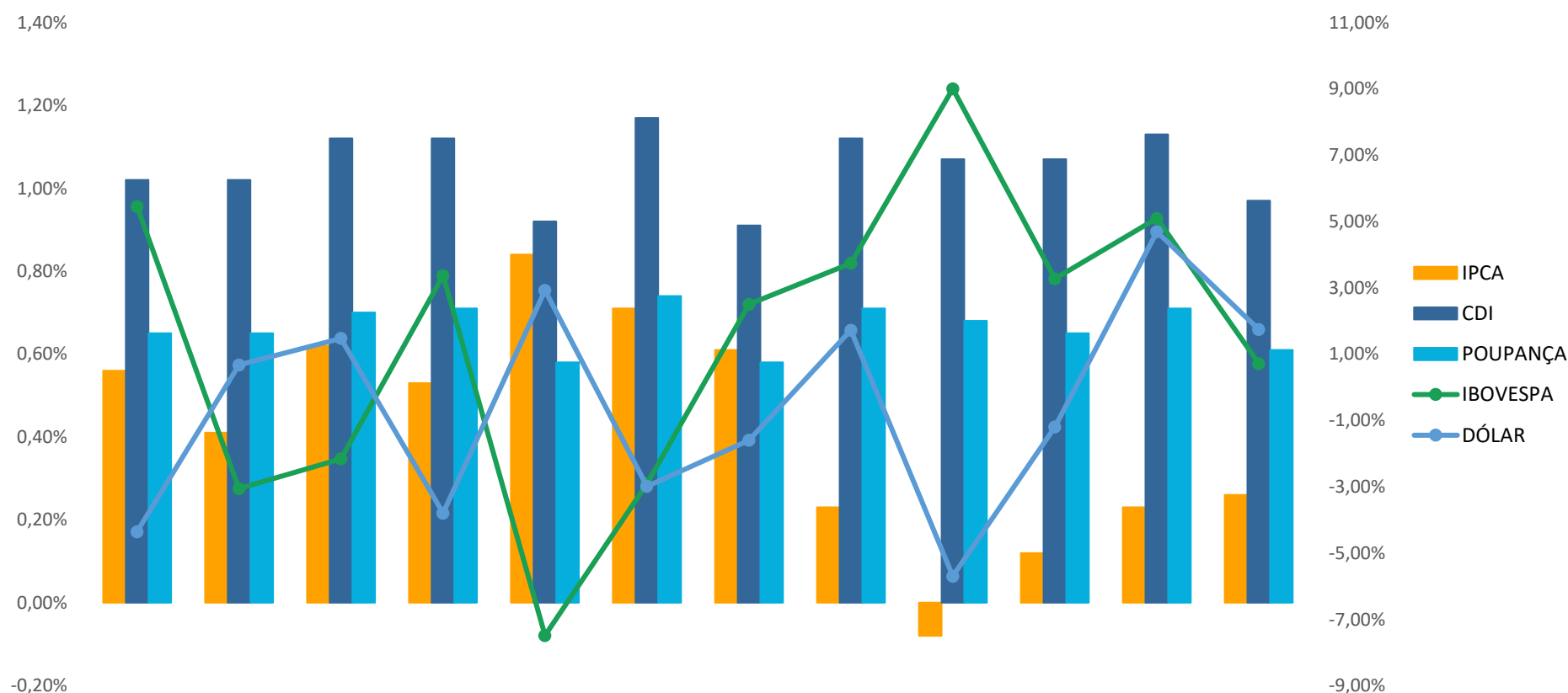


das *Treasuries* nos Estados Unidos, o Ibovespa encontra-se com avanço de 3,11% para o ano de 2023, porém no acumulado dos últimos 12 meses ainda permanece negativo em -2,49%.

O Ibovespa no mês teve a sua mínima aos 112.531 e a sua máxima em 117.050 pontos.

DÓLAR: A moeda norte-americana encerrou o mês de outubro com alta de 1%, cotado a R\$5,05, impactado principalmente pelas incertezas no exterior e um tom mais brando do Fed em mencionar a possibilidade de não haver novos aumentos na taxa de juros. No ano, o dólar acumula perda de 3,07% e nos últimos 12 meses está -3,79%.

Indicadores Econômicos nos últimos 12 meses





Onde investir neste cenário?

Conforme apresentado na edição de novembro, no penúltimo mês de 2023, na Cooperativa existem excelentes alternativas para a segurança dos seus investimentos.

Um dos mais diversos benefícios das aplicações em **Cotas** é um instrumento assertivo para formação de patrimônio em cotas, e contribuir com a possibilidade de remuneração ao capital. A taxa básica de juros elevados por mais tempo em países desenvolvidos, a expectativa é que a remuneração dos investimentos em renda fixa continue atrativa. As aplicações em **RDC** e **LCI Pós-Fixado** permanecem como ótimos investimentos onde a Selic permanece em patamares elevados.

Ademais, a modalidade **RDC Pré-Fixado** também é uma ótima oportunidade para investimentos no longo prazo mesmo após a segunda redução do Copom na redução da Selic. Neste caso, as condições permitem garantir previsibilidade em relação a rentabilidade do investimento.

Além disso, o investimento na modalidade **RDC IPCA+**, contribui para trazer a garantia da rentabilidade real. Neste caso, além da rentabilidade atrelada ao indicador de inflação, a modalidade conta com uma remuneração adicional, sendo vantajosa principalmente para o longo prazo pois mesmo que ocorra uma alta inflacionária, os investimentos não perderão o poder de compra.

A **Previdência Privada** é uma ótima sugestão para o foco no longo prazo, visando uma aposentadoria mais confortável com benefício da tributação conforme a sua condição de vida além de contribuir no planejamento da sucessão patrimonial.

As aplicações em **Poupança** e **Aplicação Programada** são ótimas recomendações para formação de reserva de emergência para eventuais imprevistos e auxiliar na programação mensal de novos aportes, além disso, também pode ser direcionado para futuras oportunidades devido às novas oportunidades de investimentos conforme a mudança do cenário de mercado.

Investir não precisa ser difícil e nem arriscado. A Cooperativa tem à sua disposição opções de investimentos com valores de verdade, que proporcionam segurança financeira e rentabilidade acima da média de mercado. Consulte o especialista de investimento da sua Cooperativa.